

A SOBREVIVÊNCIA DAS PEQUENAS CIDADES: O EXEMPLO DA ALTA SOROCABANA.

Armando Garms (*)

A cidade de São Paulo, metrópole nacional, como centro econômico, político e social, constitui o último nível de concentração urbana do Estado e do país e exerce um domínio quase absoluto sobre o espaço bandeirante. As capitais regionais constituem, do ponto de vista geográfico, o nível mais imediato deste processo de dominação concentrando diferentes atividades e comportando-se como "relais" entre a capital paulista e as regiões interioranas.

Este fenômeno da intensa urbanização paulista, refletido pela grande concentração paulistana e capitais regionais, gera um processo que define para estas não apenas a atração populacional, mas o domínio das atividades humanas, resultando no esvaziamento das pequenas cidades e zonas rurais das regiões sob suas influências.

Esvaziam o setor secundário das pequenas cidades na medida em que passam a concentrar as atividades industriais principalmente ligadas às primeiras transformações dos produtos rurais, sendo mais marcantes os beneficiamentos e as indústrias de distribuição. Com relação ao terciário, as capitais regionais tornam-se os centros do comércio atacadista, o setor varejista diversifica-se, enquanto que os serviços adquirem melhor padrão e níveis mais raros. Entretanto, embora exerçam dominação sobre regiões consideráveis, descapitalizando os campos e concorrendo com as peque

(*) Professor Assistente junto ao Departamento de Geografia Humana e Regional do IPEAPP.

nas cidades, diminuindo-lhes a autonomia, as grandes cidades paulistas vão se tornando dependentes da grande metrópole paulistana que conserva o poder de decisão e comando, definindo para o espaço interiorano a condição de periferia, onde as capitais regionais permanecem como intermediárias e econômico-administrativas entre o centro e a periferia. Neste conjunto de relações, a permanência das pequenas cidades faz-se pelas mudanças ocorridas na economia rural, marcadas pela penetração das relações capitalistas, restringindo-as à condição de pequenos centros redistribuidores de gêneros e serviços e residência de médios proprietários rurais e de trabalhadores rurais, particularmente bóias-frias.

Na Alta Sorocabana, pequenas e médias cidades, comportam-se ao longo de suas evoluções como centros de coleta, beneficiamento e expedição de produtos rurais aos grandes centros consumidores distantes, cujas necessidades geram estímulos que explicam a evolução cíclica de suas produções. Ao mesmo tempo, constituem os instrumentos de distribuição de gêneros e serviços necessários ao espaço com o qual se relacionam. Como consequência deixa de existir o poder de decisão sobre suas economias, uma vez que estas são tomadas e definidas externamente e a vida de relações fica dependente das alterações que os interesses externos definem na sua área de dominação.

As pequenas cidades constituem, na Alta Sorocabana, exemplos de centros locais cujas vidas de relações se fazem basicamente com a área imediatamente vizinha, particularmente seus próprios municípios.

Nascidas do avanço da frente pioneira em direção ao oeste do Estado de São Paulo, estes pequenos centros em toda a sua existência apresentaram seu maior ou menor crescimento ditados pelo setor primário a começar pela atividade criatória herdada do precursor mineiro e sucedida pelo café, algodão, pecuária e, mais recentemente, pela presença do trigo, soja e cana-de-açúcar.

No momento em que predominam o café e o algodão, lavouras altamente comercializáveis, os centros florescem,

desenvolvendo a função de coleta, beneficiamento e expedição destes e outros produtos primários ao lado da distribuição de gêneros e serviços a uma população urbana e rural em processo de formação e crescimento. Nesta fase as relações entre a cidade e as áreas rurais contíguas e mais distantes foram bastante estreitas. Em seguida um outro quadro se apresenta (fins dos anos 40, início da década de 50) com a expansão das pastagens em detrimento das lavouras, provocando o desequilíbrio econômico e populacional que se acelera nos anos 60.

Tais fatos podem ser generalizados para o oeste paulista, tendo já sido assinalado por Monbeig no momento em que questiona e conclui: "Cités et campagnes pionnières sont donc aussi étroitement unies spirituellement que matériellement. Le destin des organismes urbains dépend de l'essor e de la stabilisation de l'agriculture. On ne voit pas comment leurs industries et leurs commerces pourraient trouver d'autres ressources que celles du sol."..... "Le déplacement vers l'Ouest des populations rurales et de l'agriculture entraînera de nouvelles fondations urbaines. La mise em pâturages des cafezais et des plantations de coton sera-t-elle suivie de l'installation de frigorifiques or l'industrie de la viande pourra-t-elle remplacer les máquinas de beneficiar? Que l'on se oriente dans ce sens ou que l'on se assiste à un changement des méthodes agricoles et de la mentalité pauliste, l'avenir des villes restera confun du avec celui des campagnes" (MONBEIG, 1952, p. 346).

Realmente, a partir do instante em que as pastagens se afirmam na Alta Sorocabana, surgem os frigoríficos, localizados quase que essencialmente nos centros maiores e no bordo oeste da região, mais próximos às áreas de invernadas para engorda.

Nas décadas de 1940 e 1950, foram transformadas em pastagens extensas áreas de matas do oeste paulista (Alta Sorocabana, Alta Araraquarense e Noroeste) que passaram a engordar gado de Mato Grosso do Sul e Goiás e despachá-los por ferrovia aos frigoríficos estrangeiros de São Paulo e Bar

retos. Apesar das distâncias crescentes em relação às novas áreas de engorda (600 km), os frigoríficos e matadouros continuaram com suas localizações de 1920, mantendo o domínio dos mercados consumidores e das compras de gado gordo até 1955/60, quando a situação começou a modificar-se. (MAMIGONIAN, 1976, p.7-14).

Associado ao crescimento dos empresários nacionais do setor de carnes bovinas, vai emergindo nos últimos anos um novo esquema de localização, dimensões e especialização dos frigoríficos. No lugar da concentração de gigantes frigoríficos e matadouros nas proximidades de São Paulo e Rio de Janeiro, vigente de 1920 a 1955, tem havido, forte dispersão geográfica dos frigoríficos, acompanhando a dispersão das zonas de engorda. Na medida em que eles se instalaram nas diversas áreas de engorda, passaram a contar com vantagens maiores que os localizados em São Paulo e Rio de Janeiro: 1) coletam o gado gordo a curtas distâncias (100 km) resultando em redução do custo do frete do boi; 2) menor perda de peso dos animais; 3) redução do tempo entre a compra do gado, abate e venda da carne; 4) salários mais baixos (MAMIGONIAN, 1976, p.7-14).

No bordo leste da região as máquinas de beneficiamento permanecem. Embora as pastagens avancem, o setor primário apresenta-se basicamente o mesmo, verificando-se apenas a mudança de produtos face às exigências do mercado consumidor distante, gerando apenas a adaptação da função de coleta e beneficiamento à produção primária, de acordo com a sua sucessão.

Como exemplo destes fatos há presença e o comportamento das grandes empresas de âmbito internacional e nacional que se instalam na região: SANBRA, Anderson & Clayton, Matarazzo, SAAD, etc. A chegada destas ocorre com o desenvolvimento da lavoura algodoeira. No início seus equipamentos se restringem às usinas de beneficiamento do produto, acrescentando, alguns anos após, as fábricas de óleos vegetais. A partir do momento em que a cotonicultura oscila, deixando de ser gradativamente um bom negócio, pelo retraimen-

to do interesse do mercado internacional em relação ao produto. (ABREU, 1972), além de outros fatores, verifica-se o afastamento destas empresas neste setor de produção, permanecendo a atividade apenas para atendimento das necessidades nacionais. Os seus interesses e investimentos ' voltam-se para outros produtos: menta, amendoim, mamona, soja, aparecendo esta última como solução e principal matéria prima no momento atual diante dos interesses despertados tanto em âmbito nacional quanto internacional.

Na maioria dos pequenos centros urbanos da Alta Sorocabana, estas empresas encerram suas atividades, transferindo seus equipamentos para outras áreas do Estado ou Estados Vizinhos, onde a produção rural possibilita suas presenças. Permanece uma ou outra, dificilmente mais de uma em cada pequeno núcleo, que procura adaptar seu equipamento industrial aos produtos rurais mais tradicionais na região - amendoim, algodão - ou aos produtos mais recentes e em franca expansão: a soja.

Esta solução resulta não apenas da presença e expansão da soja, mas também, pelo fato de que ocupam uma posição espacial que as colocam próximas às áreas de produção da matéria prima (Alta Sorocabana, Norte do Paraná, Mato Grosso do Sul) e do grande mercado consumidor e exportador (A cidade de São Paulo) e em um eixo onde o equipamento viário proporciona um único fluxo da coleta à elaboração final, consumo e exportação da produção industrial.

Uma nova tendência se esboça recentemente face à crise dos combustíveis: há a expansão das lavouras da cana-de-açúcar e conseqüente instalação de distilarias para a produção de álcool combustível. Entretanto constituem fatos cujas análises deverão ser feitas com maior rigor em momento ' posterior, uma vez que a maior ou menor expansão e mesmo definição desta nova tendência e suas características ainda estão embrionárias e dependentes de diretrizes de âmbito nacional, conseqüentemente externas à região.

Entretanto, tanto para os produtos mais tradicionais (amendoim, algodão, café) quanto para os mais recentes

(soja, cana-de-açúcar) as soluções colocam-se ao nível de atendimento dos objetivos das grandes empresas nacionais ou não, concentradas nos grandes centros urbanos. Não reflete as transformações nas organizações e na vida de relações do meio rural e das pequenas cidades.

O que se verifica é o aprofundamento das relações capitalistas na zona rural, favorecendo globalmente as relações a partir da cidade, cujos graus de dominação se estabelecem segundo os níveis de urbanização que estas apresentam.

Nas últimas décadas há uma rápida diminuição do setor agrário de auto-suficiência, principalmente produção de gêneros, passando o homem rural a adquiri-los na cidade, gerando maior dependência em relação a esta. Ao mesmo tempo, os hábitos de consumo tornam-se mais sofisticados pela maior variedade de produtos oferecidos, passando a população urbana e rural a consumir mais, tanto gêneros voltados às suas necessidades básicas e mesmo bens de consumo durável, quanto equipamentos para a produção. Esta penetração capitalista se faz sentir nas relações de trabalho no meio rural, fortalecendo a presença urbana, uma vez que esta passa a exercer dominação sobre grande parcela da renda fundiária, meios de produção e força de trabalho, isto porque tanto proprietários quanto assalariados rurais passam a fazer da cidade sua residência.

Estes fatos afetam a população. A partir de meados da década de 1940, os campos despovoam-se, enquanto que as pequenas cidades aumentam o seu efetivo populacional. Este crescimento verifica-se pela absorção de parte dos excedentes rurais ao limite das ofertas das possibilidades de trabalho das cidades, ao mesmo tempo em que há a fixação de um contingente que permanece ligado às atividades rurais. O aumento da população urbana não se deveu a um processo típico de urbanização, no sentido de que esta ocorre pela ampliação do secundário e terciário, tendo-se em conta que estes não cresceram ao nível de justificar tal crescimento populacional. Entretanto, nas duas últimas décadas, o esvaziamento

rural não é compensado pelo crescimento da população urbana, entrando esta em processo de perda, significando que de um lado, a zona rural aparentemente atingiu os limites de absorção de mão-de-obra necessária aos seus trabalhos e, por outro, houve a limitação dos setores secundários e terciário que absorvem de forma muito lenta ou quase nula, este excedente rural. Muitos dos que permanecem, principalmente de origem rural constituem o médio e grande proprietário rural absenteísta ou aqueles que, sem o mínimo de condições profissionais ou educacionais, fixam-se na periferia trabalhando como volantes ou em subempregos que a cidade eventualmente oferece e quase que essencialmente através do setor terciário, acarretando tanto a diminuição do mercado consumidor quanto do fornecedor de matérias primas, refletidos na estagnação destas pequenas cidades. O processo desencadeia o esvaziamento rural e urbano, principalmente da população jovem, no sentido das capitais regionais, da cidade de São Paulo e menos vigorosamente para outras áreas, inclusive fora do Estado.

Entretanto, mais recentemente, a presença de produtos rurais que gozam de vantagens tanto no mercado externo quanto interno e que exigem modernização dos meios de produção, a existência de uma burguesia e administrações locais, cujas iniciativas aproveitando-se de vantagens locais, procuram explorar as possibilidades dentro do processo de concentração urbana e constituem os fatos que refletem a sobrevivência das pequenas cidades no atual contexto urbano do extremo sudoeste paulista.

O desenvolvimento das lavouras tais como o trigo, soja, cana-de-açúcar, permitiu maior aprofundamento das relações capitalistas na medida em que, como produtos altamente comercializáveis, exigem uma modernização da produção, acentuando as relações dos campos e áreas próximas aos pequenos centros urbanos, favorecendo principalmente as relações comerciais. A existência de uma burguesia local, surgida da acumulação de rendas proporcionadas principalmente pela zona rural, acentua sua presença na medida em que dominam forte

mente a renda fundiária e detém parte da comercialização da produção rural e da distribuição dos gêneros, serviços e produtos necessários à produção. Entretanto, a sua presença em vários casos não se restringe à área municipal. Percebem e utilizam das vantagens oferecidas pelas posições que ocupam dentro e nos limites da zona de influência da capital regional (Presidente Prudente), passando a atuar com relativa liberdade em um espaço onde os centros menores e menos equipados passam a constituir sua pequena área de mercado. Em alguns casos, a sua presença não se limita a esta pequena área, isto porque esta mesma burguesia local amplia sua área de ação, competindo com relativa igualdade, em determinadas atividades, com centros de mesmo nível, maiores dentro da região (Presidente Venceslau, Presidente Prudente, Assis), seja através do estabelecimento de comércio atacadista, da presença nestes centros maiores de filiais de atividades comerciais nascidas nestes pequenos núcleos, ou através da prestação de serviços, onde um exemplo significativo é o de transporte de cargas.

Somando-se aos interesses e iniciativas particulares, as administrações públicas municipais, através de suas iniciativas e relações políticas, procuram atrair as atenções e investimentos do poder público, principalmente da área estadual, na concretização e melhoria da infra-estrutura dos serviços (viário, saneamento básico, saúde, educação, financeiro). Como complementação e fato importante, reforçando esta posição, a atuação conjunta destas administrações e as iniciativas locais, algumas delas dotam a cidade com estabelecimentos de ensino superior, cujo curso muitas das vezes se sobrepõem aos existentes na região, mas que instalados extravasam os limites locais e regional, reforçando a concorrência com centros urbanos de nível superior e a presença destes pequenos núcleos no espaço em que se encontram.

Portanto, estes fatos que no momento atual marcam os primórdios de uma nova fase para os pequenos centros urbanos, constituem o esforço para suas sobrevivências no processo de concentração urbana regional e mesmo paulista. Entre

tanto devem ser observados com cautela, considerando-se que as cidades não estão isoladas, mas fazendo parte de um espaço onde as transformações são reflexos da evolução política e econômica do momento, ou os estímulos são dirigidos ao fortalecimento das médias e grandes cidades, colocando em risco a sobrevivência destes pequenos centros urbanos. O que se faz necessário para a permanência destas, pelo menos ao nível do estágio atual de seu desenvolvimento, não é a desconcentração em favor de determinadas cidades (Plano de Desenvolvimento das Cidades Médias), mas sim o estímulo às atividades nelas existentes, possibilitando a ampliação do mercado consumidor regional e exercer dentro deste uma concorrência com estas mesmas atividades da metrópole paulistana ou das capitais regionais, o que permitirá o reativamento das funções destes pequenos centros e, conseqüentemente, das relações entre cidades e entre estas e as zonas rurais.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Dióres Santos. Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente. Presidente Prudente, F.F.C.L., 1972.
- ALEGRE, Marcos et alii. "Extremo Oeste Paulista" In: Guia de Excursões. Presidente Prudente, AGB, jun. 1972, p. 36-130.
- BENITES, Miguel Gimenez. Os frigoríficos da Grande São Paulo e arredores (estudo geográfico). São Paulo, USP, mimeografado, 1978.
- LEITE, José Ferrari. A Alta Sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente. Presidente Prudente, F.F.C.L., 1972.
- GARMS, Armando. Paraguaçu Paulista: contribuição para o estudo de um centro local do extremo sudoeste paulista. São Paulo, USP, mimeografado, 1977.

MAMIGONIAN, Armen. Tendências recentes do processo de urbanização na Alta Sorocabana. Anais, São Paulo, AGB, - 18: 289-291, 1973.

_____. Notas sobre os frigoríficos do Brasil Central Pecuário. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, AGB, 51: 7-14, 1976.

MONBEIG, Pierre. Pionniers et Planteurs de São Paulo. Paris, Armando Colin, 1952.

MARTINS, Olimpio Beleza. O uso do solo no município de Presidente Bernardes. São Paulo, USP, mimeografado, 1975.

TEIXEIRA, Márcio Antonio. Organização do espaço rural no município de Paraguaçu Paulista. São Paulo, USP, mimeografado, 1979.